

MEMÓRIA/
HISTÓRIA/
PATRIMÔNIO

O ESFORÇO
FOI SINCERO
ME ORGULHO
DA NOSSA HISTÓRIA

MEMÓRIAS DO MUSEU

MURILO LUIZ GENTIL DE OLIVEIRA*

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.33244>

RESUMO: Este artigo apresenta o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG como um híbrido de arquivo/biblioteca/museu, onde pesquisadores, professores, estudantes de todos os níveis podem visitar, uma vez que o acervo é rico em livros, documentos, fotografias, pinturas, correspondências pessoais e outros, de modo a proporcionar pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado e em caso de educação básica, visitas guiadas proporcionam a imaginação e aguçam a curiosidade dos discentes e, de algum modo, contribuir para preservação e divulgação de seu espaço como órgão cultural. Discute a necessidade de uso de espaços como esse e o seu não uso em tempos difíceis como o que vivemos hoje. O “novo normal” causado pela pandemia por covid-19 e a transformação da cultura, discutindo a necessidade não só da preservação, mas do valor do uso, o termo cultura e algumas variantes.

PALAVRAS-CHAVE: Museu. Arquivo. Biblioteca.

MEMORIES OF THE MUSEUM

ABSTRACT This article presents the Acervo de Escritores Mineiros da UFMG as a hybrid of archive / library / museum, where researchers, teachers, students of all levels can visit, since the collection is rich in books, documents, photographs, paintings, personal correspondence and others, in order to provide research for scientific initiation, master's degree and doctorate and in case of basic education, guided tours provide imagination and heighten the curiosity of students and, in some way, contribute to the preservation and dissemination of their space as a cultural organ. It discusses the need to use spaces like this and their non-use in difficult times like the one we are experiencing today. The “new normal” caused by the pandemic by covid-19 and the transformation of culture, discussing the need not only for preservation, but the value of use, the term culture and some variants.

KEYWORDS: Museum. File. Library.

* Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (EA/UFMG)
Professor de história da SEE MG e do Centro Educacional Elo.

Introdução

Desde a identificação do SARS-CoV-2 em Wuhan (China) em dezembro de 2019, o novo coronavírus, que causou a covid-19, sacode o mundo com notícias de mortes e uma ciência em desesperada corrida por descobrir a cura, como em outros tempos alguns grupos estavam em busca do Eldorado da colonização americana ou mesmo do Sabarabuçu da colonização brasileira. E uma das medidas mais seguras enquanto se aguarda a descoberta da cura é o isolamento social.

O mundo assim tem feito desde as primeiras recomendações, com a esperança de que logo tudo passaria e a vida voltaria ao normal. Porém, criou-se um “novo normal”, com as pessoas trancadas em suas casas, com um contato quase sempre virtual umas com as outras e muitos conflitos pessoais. Surge assim uma nova cultura: a da máscara no rosto, do isolamento, do virtual, da nova cultura.

Cultura

Assim, o chamado novo normal fez com que o trabalho se transformasse em home office, o lazer se tornou virtual, com jogos online e um excessivo uso do telefone celular para facilitar as interações humanas, de modo a auxiliar na sobrevivência em tempos de pandemia. Na educação, o professor e o aluno tentam se reinventar e superar as dificuldades, que se mostraram abismais, com os problemas de falta de equipamentos adequados tanto para ensinar quanto para aprender. Os docentes, com seus baixos salários e formação inadequada para a educação EAD (Educação A Distância) aliada à falta de ambiente apropriado como uma sala de aula ou mesmo equipamentos para gravação e transmissão de aulas; já os discentes, sem acesso à internet ou mesmo sem qualquer insumo para o aprendizado, enfrentam ainda a falta de acompanhamento de familiares para um bom desenvolvimento, contribuindo para agravar a situação. Sem falar no modelo de educação ultrapassado que tenta se adequar desesperadamente na era virtual. A casa cheia, todos usando uma internet que caminha a passos lentos com home office, estudos, ensinamentos, vídeos em download, upload, etc.

Que caos!

Agora falemos da cultura no “novo normal”. O termo cultura pode ter vários significados, dependendo da área de conhecimento que a analisa. Conforme o conceito antropológico a cultura constitui o

Conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifesta em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais etc. (FERREIRA, 1999, p. 591).

O mesmo autor analisa pela filosofia o conceito de cultura, sendo a

“categoria dialética de análise do processo pelo qual o homem, por sua atividade concreta (espiritual e material), enquanto modifica a natureza, cria a si mesmo como sujeito social da história. (FERREIRA, 1999, p.591).

Já o filósofo Ortega y Gasset (1935) afirma que

“cultura é a soma das facilidades que o homem cria para si, de modo a vencer as dificuldades que encontra na vida”.

E agora, a cultura se transforma novamente com trabalhos, estudos e relacionamentos completamente virtuais que não sabemos o quanto terá de ruim e prejudicial nas relações interpessoais no futuro. Fato é que a humanidade sobreviverá e se adaptará ao novo normal e com ela as manifestações de arte, cultura, educação, etc.

A arte e a cultura são apresentadas de casa, numa extensão do palco do teatro ou das casas de shows, em lives que tentam ajudar o artista e o expectador na superação das dificuldades do isolamento social. Os museus se tornam virtuais e proporcionam visitas também virtuais, de modo a manterem o seu visitante próximo de si, das suas obras, do seu espaço. Muitas visitas que pessoalmente seriam impossíveis por diversos fatores se tornam possíveis com a virtualização de instituições nacionais e internacionais que permitem tal visita em modo virtual. Mas os amantes de antiguidades não se

contentam e querem cheirar o ambiente, olhar bem próximo, quando permitido, tocar.

O virtual

Como modo de superação das dificuldades, principalmente pelo isolamento social, uma das soluções encontradas pela humanidade foi a virtualidade. Por computadores, notebooks e smartphones todos estamos, de algum modo, conectados. Mas o que é o virtual?

O filósofo Pierre Lévy (1996) defende que o virtual se opõe não ao real, mas ao atual, de modo que se atualiza constantemente sem chegar a uma efetiva concretização. O virtual se caracteriza e se diferencia do possível — afirma o filósofo — visto que o possível já está constituído e latente, quase realidade, não possuindo a criatividade do virtual.

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 1996, p.16).

O virtual não é o mesmo que o real, pois o real é previsível, é estático, é a passagem do possível para o real. Ao se tornar uma visita virtual ao museu, perde-se a magia e o encanto de realmente ver, sentir o cheiro e até mesmo tocar algumas obras. O virtual permite ver o outro, ouvi-lo, mas não permite a presença real. São então antagônicos o real e o virtual. O isolamento social permite a proteção da vida, aumenta a possibilidade de não contrair o vírus avassalador da Covis-19 e suas variantes, mas nos afasta do possível, do real, do poder de estar aqui e agora, agora. No virtual somos apenas “nômades e dispersos” (Levy, 1996), somos seres ausentes, desterritorializados e sem um lugar, apesar da necessidade de um suporte físico necessário para a virtualização.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (LÉVY, 1996, p.21).

Como resultado do novo normal, o isolamento social tem demonstrado outras fragilidades como doenças psicológicas e tensões nas relações interpessoais, com términos de relacionamentos e separações. Os idosos recolhidos em casas de repouso ficaram sem visitas de familiares assim como abrigos infantis e orfanatos.

Tudo isso nos faz temer o futuro. E como Janus (deus romano das mudanças e das transições) com duas faces, sendo uma olhando o passado enquanto a outra observa o futuro, tentamos compreender o que se passa ou, estando numa perspectiva do futuro, o que se passou neste tão fatídico período da humanidade.

E enquanto as atividades e as classes culturais vão sobrevivendo, como área da música, peças de teatro, stand-up entre outros, os museus — vazios — preservam suas coleções. Virtualmente os visitamos, mas o museu é vivo e virtual ele é “não presente”. Segundo Cunha (2008, p. 255) museu é uma

“instituição dedicada a buscar, cuidar, estudar, documentar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor”.

E se encaixa aqui ainda o arquivo e a biblioteca como instituições culturais responsáveis por armazenar, conservar e divulgar seus acervos. E nesse conturbado período em que vivemos, estas instituições culturais estão armazenando e conservando seus acervos, mas de modo algum cumprindo sua grande finalidade que é a disseminação do conhecimento, que se dá por visitas pessoais — ou virtuais — que devem ocorrer diariamente.

E na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) está localizado um híbrido de arquivo-biblioteca-museu literário que produz e pode produzir ainda muito conhecimento, mas seu acervo permanece sozinho, sobrevivendo em tempos de pandemia,

no novo normal, em isolamento social, descumprindo sem querer seu papel social de ser cultural.

Salvaguarda

O termo salvaguarda

[...] refere-se a um mal a ser evitado, e por isso salvaguardar é assegurar a ausência de riscos e inferir sobre a previsibilidade de um futuro mais promissor. Desse modo, o termo denota uma relação entre o seguro e o risco, que pode ser natural ou humano, uma catástrofe física, um sinistro, tanto quanto uma ação humana inadequada podem se tornar uma ameaça ao homem. (SPINELLI JÚNIOR, p. 113, 2020).

Mas guardar sem que se possa proporcionar conhecimentos fica sem fazer sentido. De nada adianta manter confinado um acervo rico em documentos sem proporcionar que pesquisadores ou mesmo curiosos — que podem ser potenciais pesquisadores — tenham acesso. O colecionador quer suas obras bem guardadas e longe de exposição. São para seu deleite e muitas vezes se torna um hábito doentio. Isto quando se trata de comportamento que se caracteriza pelo acúmulo e que, com dificuldade de se desfazer de algum objeto da coleção, o colecionador sofre algum prejuízo da sua qualidade de vida.

Para salvaguardar é necessário avaliar os riscos, planejar e prever desastres. Quando se trata de acervos em papel, como coleções de livros e documentos, Spinelli Júnior (p.115–116, 2020) descreve os agentes de riscos, seus efeitos e como eles podem danificar tanto acervos bibliográficos quanto documentais e seus edifícios:

Forças físicas: ocasionam danos decorrentes de explosões no edifício e de armazenamento errado de obras em estantes e mapotecas, gerando choques, vibrações, tensões, compressões, abrasões, deformações, rompimentos, etc.

2. Atos criminosos: como furto, roubo e vandalismos, que causam o desaparecimento de itens de coleções, ocasionam mutilações de partes de documentos, desfigurações de obras e por vezes danos ao edifício da instituição.

3. Fogo: esse é sem dúvidas o pior desastre que pode acontecer a uma instituição

cultural. Pode causar a queima total ou parcial do edifício gerando grande quantidade de fuligem, deformações estruturais em itens do acervo e partes do edifício.

4. Água: pode atingir o edifício e os acervos por infiltrações, vazamentos, chuvas torrenciais, telhados problemáticos com goteiras e produzir danos como deformações, manchas generalizadas, enfraquecimento e desintegração de obras.

5. Pragas: propiciam danos por meio da proliferação de micro-organismos (fungos, bactérias), insetos, roedores, aves (pombos, por exemplo) e morcegos. Ações que resultam em perfurações, manchas, defecação e o enfraquecimento de partes dos documentos.

6. Poluentes: acarretam danos em consequência do acúmulo de poeiras e partículas sólidas e dos demais elementos estranhos presentes na poluição do ar sobre os livros e documentos, ocasionando também corrosões, manchas e descolorações.

7. Iluminação, radiação ultravioleta (UV) e infravermelho (IV): danos causados por exposição prolongada, direta ou indireta, à luz natural ou artificial, ocasionando o esmaecimento, descoloração, enfraquecimento, amarelamento e o escurecimento de livros e documentos.

8. Temperatura elevada, baixa ou em constantes variações: propicia ações de deterioração mais acelerada por reações químicas como enfraquecimento e fraturas dos materiais que compõem os documentos.

9. Umidade relativa incorreta, baixa ou em constantes variações: possibilita o surgimento de microrganismos, deformações, manchas e o enfraquecimento dos suportes de obras.

10. Dissociação: permite a perda de item causada pela incapacidade permanente ou temporária de associá-lo às suas informações básicas, gerando seu desaparecimento dentro de um acervo.

Isto sem falar de fenômenos naturais, meteorológicos, poluição atmosférica e as instalações elétricas, materiais inflamáveis, canalizações de água entre outras.

De nada adianta salvaguardar, preservar e não apresentar ao maior objetivo, que é seu valor de uso.

Acervo de escritores mineiros da UFMG

Velha fantasia deste colunista — e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irreabilidade — é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... de literatura não temos [...]. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? O museu de letras, que recolhesse espécimes mais significativas, prestaria um bom serviço. (ANDRADE, 1972).

O AEM (Acervo de Escritores Mineiros) da UFMG é um exemplo vivo do desafio da preservação da memória cultural e literária local, apesar de toda a dificuldade burocrática e escassez de recursos com as quais, em pleno século XXI ainda lidamos. Suas instalações definitivas foram inauguradas em 16 de dezembro de 2003, no terceiro andar da Biblioteca Central da UFMG. Trata-se de um espaço permanente de exposição, concebido a partir de uma perspectiva museográfica e cenográfica, recriando o ambiente de trabalho dos escritores. A totalidade do espaço é constituída por biblioteca, onde se destacam obras raras do modernismo brasileiro e também preciosas coleções de periódicos, correspondências, fotografias, obras de arte, mobiliário e objetos pessoais de grandes nomes da literatura brasileira e especialmente mineira. Lá encontra-se Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior, Abgar Renault e Cyro dos Anjos dentre outros, preservando um impressionante acervo iconográfico, obras de arte, mobiliário e objetos pessoais que contribui ao desenvolvimento cultural, pesquisa e ensino, por grandes nomes da literatura, não só a mineira, mas também ícones da literatura brasileira.

O AEM é motivo de orgulho para a Universidade Federal de Minas Gerais por pelo menos duas razões: o pioneirismo na criação de um espaço com a configuração de uma área museográfica e cenográfica como dito acima e, obviamente, o fato de evitar a evasão de arquivos mineiros para outros estados, a exemplo dos fundos de Guimarães Rosa, Pedro Nava, Lúcio Cardoso e Carlos Drummond de Andrade, que foram para



Fundos/ Murilo Rubião. Fotografia do autor.

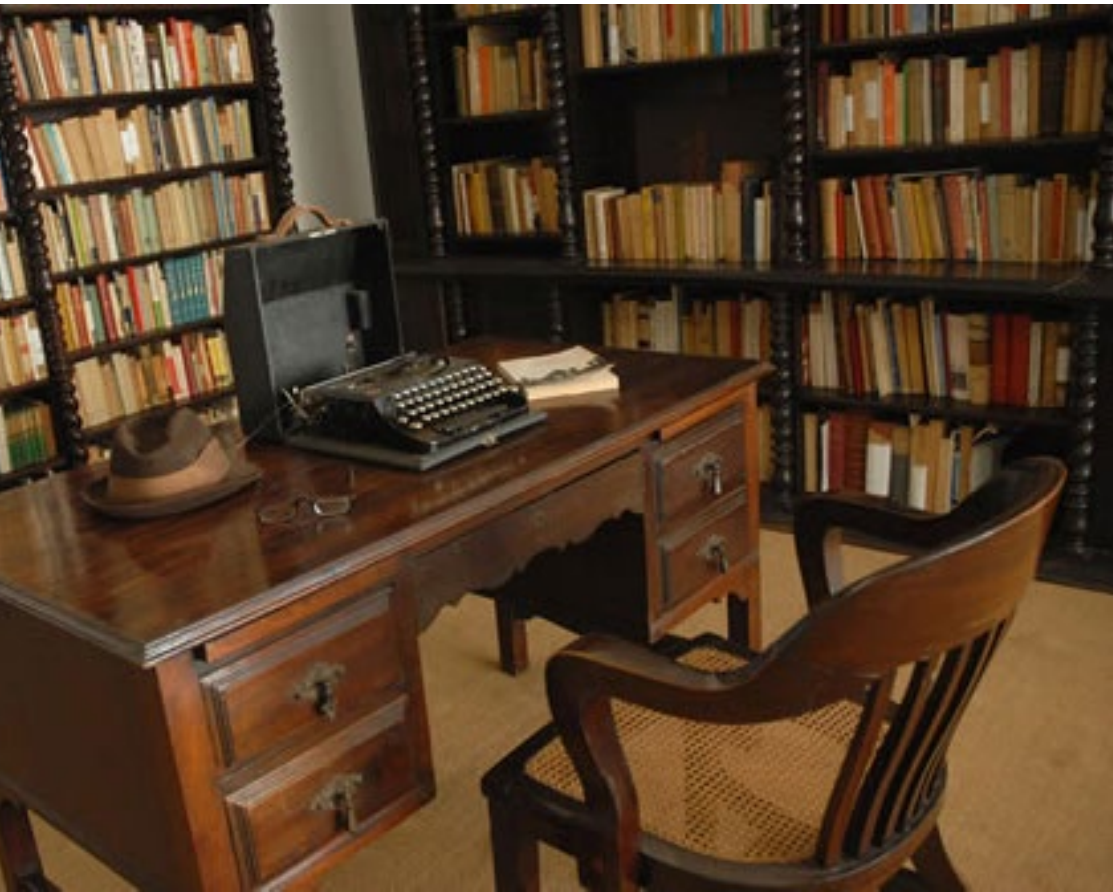
outro espaço criado com o mesmo intuito, porém não com a exclusividade de serem seus acervos apenas de mineiros.

Derrida (2001), em seu ensaio *Mal de Arquivo*, coloca em questão que

“[...] não se renuncia jamais ao poder sobre um documento, sobre sua detenção, retenção ou interpretação”.

Assim, questões como porque preservar, o que preservar e como preservar, são de responsabilidade e conscientização não só dos responsáveis pelo arquivo/biblioteca/museu mas de qualquer cidadão. Neste sentido, reportando-se ao idealismo de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Mário de Andrade ao criarem o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1936, a primeira providência no sentido de preservação do patrimônio histórico e artístico brasileiro, acervos públicos ou privados, bem como os espaços que ocupam e a relação que estabelecem entre si,

legitimam-se cada vez mais como patrimônio cultural da nossa sociedade contemporânea sustentável. E, por terem se multiplicado nas últimas décadas, a sociedade vive, segundo Huyssen (1997) numa espécie de “cultura da memória” e, para tanto, deve-se perceber o arquivo/biblioteca/museu literário como patrimônio cultural e ainda como



Fundos/ Abgar Renault. Fotografia do autor.

importante fonte de pesquisa para pesquisadores, podendo ser usado como um espaço para linguagem e manipulação de um processo de construção de identidade, se tornando local de comunicação, informação e de cultura.

As coleções são um tema da história das práticas que atrai os historiadores da arte e ciência e equipes de galerias e museus. Os acadêmicos vêm estudando o que era colecionado (moedas, conchas e assim por diante), a filosofia ou psicologia do ato de colecionar, a organização das coleções, suas categorias básicas - a teoria subjacente à

prática - e, finalmente, o acesso às coleções, em geral de propriedade privada, ao ponto de se criar o *The journal of the history of collections*, fundado em 1989 e um grande número de estudos sobre os gabinetes de curiosidades. O seu foco principal é a cultura da coleção, com os arquivos literários.

Há casos de colecionadores que parecem loucuras, como o do norte-americano John Reznikoff, 48 anos, que possui fios ou chumaços de cabelo de celebridades como George Washington, John F. Kennedy, Napoleão Bonaparte, Beethoven, Chopin e de Abraham Lincoln, coletado em seu leito de morte e que vale US\$ 500 mil dólares, e estão expostos em uma loja, a University Archives, instalada na cidade de Connecticut (EUA). Além dos fios, a loja também vende artigos tradicionais de coleção, como selos, autógrafos e antiguidades. E são iniciativas como esta que permitem a criação de arquivo/biblioteca/museu literários. Um autêntico colecionador era José Mindlin, que herdou do pai a paixão de colecionar livros, torando-se o dono da maior biblioteca particular do País.

Quando coleções como as que estão sob a tutela do Acervo de Escritores Mineiros se encontram com seus herdeiros, dificilmente se produzirá algo científico ou simplesmente produzirá algo. Mas quando está à disposição de pesquisadores sérios e competentes, a memória destes escritores se mantém viva, gerando visões científicas e literárias jamais imaginadas, independentemente da ciência.

Fazendo uma análise bibliométrica que, segundo Araújo (2006), Bibliometria é a técnica quantitativa de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico, pode-se levantar a importância de um arquivo/biblioteca/museu para a produção do conhecimento. No caso do Acervo de Escritores Mineiros já são 20 livros publicados; artigos científicos; dissertações; teses e alguns trabalhos de colaboradores. O Acervo de Escritores Mineiros deve ser analisado como representação da diversidade cultural de nosso país, sobretudo com os vetores determinados pela Política Nacional de Museus do Ministério da Cultura, buscando ainda dados sobre o que produzem, quanto produzem e quem produz, e deve ser encarado como um patrimônio que deve receber critérios de sustentabilidade — entendida aqui como oriunda do latim *sustentare* (sustentar, defender, apoiar, conservar, cuidar) — levando-se em conta principalmente os aspectos referentes à viabilidade econômica e à função sócio cultural destes espaços literários. Atentando-se ainda para o fato que a maioria desses

locais está sob a responsabilidade da esfera governamental, especialmente de universidades públicas.

As ações nesta área devem também considerar os vetores determinados pela Política Nacional de Museus do Ministério da Cultura, cujas principais premissas são a democratização e acesso aos bens culturais, capacitação de recursos humanos, informatização, modernização e infraestruturas museológicas (gestão pró-eficiente, sistemas de iluminação, climatização e segurança em padrões técnicos apropriados, metodologias de organização arquivística, restauro e utilização de suportes tecnológicos modernos entre outros).

E, naturalmente, é importante abordar o aspecto teórico das concepções envolvidas e, sobretudo, o da concepção — pós moderna? — de museus.

Huysen conta que certa feita ele estava

[...] passeando com seu filho de cinco anos pelo museu onde tem lugar a sétima Documenta, em Kassel, Alemanha, logo descobre que este não é o melhor programa para seu filho. A todo o momento, o menino tem que ouvir: “Nicht berühren! Das ist Kunst!” (“Não toque! Isso é arte!”), e seu pai conclui que o museu é como um templo. Douglas Crimp (s.d.: 45) chega mesmo a lembrar que faltou a Foucault, que estudou as modernas instituições de confinamento como o asilo, a clínica e a prisão, incluir o museu em sua lista. Segundo Crimp, caracterizam o museu uma ânsia pela totalidade e uma tentativa de reduzir sua heterogeneidade a um sistema homogêneo de séries. Tentativas, como veremos, nada pós-modernas. Com sua ênfase na totalidade e homogeneidade, o museu parece que não teria lugar em tempos plurais e fragmentários, como o que vivemos. Anacrônico, restava-lhe fechar-se em si mesmo e lentamente agonizar, algo, aliás, que muitos estão fazendo (HUYSEN apud DOMINGUES, 1997)

Assim, será inevitável o cotejamento das novas teorias com conceitos que se tornaram arcaicos na contemporaneidade, haja vista a evolução da função do museu, passando de instituição estática e pitoresca, esquivando-se da mera contemplação por parte do observador, para uma existência mais dinâmica, oferecendo possibilidades de interações entre o observador e o ambiente de objetos preservados e, no que se refere especificamente a acervos literários, também a relação desse observador com os arquivos pessoais e institucionais disponibilizados, como cartas, livros, manuscritos, etc. Deste modo, as pesquisas têm que seguir examinando fontes de referência tangencia-



Fundos Henriqueta Lisboa. Fotografia: AEM

das pelos estudos de museologia, arquitetura, história e memória cultural, dado que se trata de um campo de pesquisa interdisciplinar, onde as temáticas consequentes das relações entre museu, arquitetura, literatura, biblioteca, arquivo, patrimônios histórico e cultural, educação, pesquisa, o turismo, as técnicas museográficas e museológicas, a organização, catalogação e captação de produtos. Evidentemente, essas relações devem ser analisadas da perspectiva do arquivo/biblioteca/museu literário e suas peculiaridades.

Criando-se uma nova visão deste espaço interdisciplinar de conhecimento, que pode gerar não só pesquisas de literatos como também de cientistas da informação, abrindo-se a visitas escolares, espaço cultural e ampliação das salas de aula, fazendo cumprir o papel da universidade de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Assim pode-se entender que

Ao olhar uma carta topográfica, o estudante vê linhas sobre o papel; o cartográfico vê a representação de um terreno [...]. Contudo, este mundo no qual o estudante penetra não está fixado de uma vez por todas, seja pela natureza do meio ambiente, seja pela ciência. Em vez disso, ele é determinado conjuntamente pelo meio ambiente e pela tradição específica de ciência normal na qual o estudante foi treinado. Consequentemente, em períodos de revolução, quando a tradição científica normal muda, a percepção que o cientista tem de seu meio ambiente deve ser reeducada – deve aprender a ver uma nova forma (Gestalt) em algumas situações com as quais já está familiarizado. Depois de fazê-lo, o mundo de suas pesquisas parecerá, aqui e ali, incomensurável com o que habitava anteriormente. Esta é uma outra razão pela qual escolas guiadas por paradigmas diferentes estão sempre em ligeiro desacordo (KUHN, 2000, p.146).

O AEM é um projeto interdisciplinar — o termo “interdisciplinaridade” empregado aqui, conforme WEIL (1993) “trata da síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando nível de discurso, caracterizado por uma linguagem, e tendo em vista seu papel cultural não só como patrimônio da sociedade, mas como objeto científico” e proporciona inúmeras pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado nas áreas de letras, humanas e sociais, servido como fonte de informação para pesquisadores e profissionais realizando pesquisas quantitativas e qualitativas de usuários; bibliometria dos acervos; levantamento de elementos históricos desse processo; indicação de alguns deslocamentos no campo disciplinar dos estudos literários e culturais; teo-

rias do arquivo; figuras do arquivo, como coleções, catálogos, listas e inventários; suas histórias, problemas e perspectivas futuras; escritas dos arquivos literários, tais como correspondência, biografia, autobiografia, ficções e crítica, conservação e preservação documental entre outros.

Floriani et al (2010) apresenta propostas para áreas interdisciplinares de conhecimento, onde se pode

“considerar como sendo multi-inter-transdisciplinar qualquer exercício de reunião entre diferentes formas de organização do conhecimento, acadêmica ou socialmente estabelecidas, nas práticas voltadas para o ensino, pesquisa e extensão”.

Sendo este espaço interdisciplinar ele tem, por sua vez, que estar atrelado à organização do conhecimento acadêmico-científico que, no que lhe concerne, decorre da evolução das estruturas sócio organizacionais ou mesmo institucionais das sociedades, permitindo ainda, conforme o mesmo autor, que seja mapeado o desenvolvimento da história do conhecimento. Estas formas de produção do conhecimento respondem a um longo caminho de consolidação das lógicas e da própria organização de um sistema institucional, constitutivos da formação de um campo, do qual emergem tanto as estruturas das formações discursivas como as disputas simbólicas de sentidos e de poder sobre os conhecimentos e saberes estabelecidos (FOUCAULT, 1969; BOURDIEU, 2004 apud FLORIANI et al). Ainda, estes espaços são como formas alternativas de produção do conhecimento e que

“emergem como resposta representacional, em oposição aos mecanismos tradicionais e hegemônicos de classificação e interpretação da realidade, assentados na matriz epistemológica e positivista institucionalizada nas agências de produção do conhecimento” (FLORIANI et al, 2010).

No Acervo de Escritores Mineiros é possível suspeitar-se de prováveis manias, impulsos de vaidade, excesso de zelo e compulsão por colecionar desde livros até miniaturas, canetas, suvenires, cartões postais, cachimbos e cinzeiros, flâmulas, moedas etc., pois bibliotecas e arquivos pessoais guardam memórias de vida. Segundo Artières (1998) “o arquivamento do eu não é uma prática neutra, é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto”. E, para garantir a salvaguarda e extensão de suas memórias, afirma Benjamin (1987) que o arquivista e colecionador autêntico, por vezes perfeccionista, dedica toda sua vida,

ou boa parte dela, ao ato de arquivar e colecionar o que, em última instância, é um impulso lúdico próprio da infância. Ao longo da vida esse hábito pessoal toma feições de investimento patrimonial que, visto não gerarem retorno financeiro, demonstrando verdadeiras paixões — às vezes até mesmo obsessivas — por bibliotecas e arquivos pessoais.

Conclusão

Neste “novo normal”, tempos de pandemia, de isolamento social, os museus, arquivos e bibliotecas se isolam em suas gavetas e prateleiras, proporcionando a preservação de seus documentos, como

[...] o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica, são amostras, espécimes, modelos fac-símiles e, de maneira geral, o que tenha caráter representativo, com três dimensões e, eventualmente em movimento. (OTLET, 1937).

Sem cumprir o seu papel de gerar conhecimento, de proporcionar visitas culturais, de poder auxiliar a socialização, de permitir leituras e descobertas, tais órgãos culturais perdem um grande valor, o de uso. Riegl (2006, p.96) afirma que “o valor histórico se adaptará bem mais facilmente ao valor de uso”. Também a cultura se adaptará, se moldará e proporcionará novos modos e novas descobertas. Novas formas de uso, como visitas virtuais pelos computadores ou smartphones, mas que o “novo normal” com seu modelo de cultura não persista por muito mais tempo e possamos voltar ao diálogo com museus, bibliotecas, arquivos e com o híbrido arquivo/biblioteca/museu literário AEM da UFMG, dialogando com Henriqueta Lisboa, Abgar Renault, Murilo Rubião, Cyro dos Anjos entre outros, lendo e relendo seus documentos, proporcionando novas leituras, novas interpretações, novas perspectivas culturais, novas memórias como um dia o foi.

Bauman (2012, p.94) diz que

“o pensamento do ser humano cria um mundo dicotômico espírito/matéria, ou mente/corpo, onde incorpora o primeiro à liberdade enquanto o segundo está atrelado à servidão. Que “a cultura é um esforço perpétuo para superar e remover essa dicotomia”.

E que

“[...] a agonia da cultura, portanto, está fadada a uma eterna continuidade; no mesmo sentido, o homem, uma vez dotado da capacidade de cultura, está fadado a explorar, a sentir-se insatisfeito com seu mundo, a destruir e a criar”.

Destruída essa fase, que possamos recriar nossa memória de que um dia fomos aos museus, arquivos e bibliotecas, saímos para passeios culturais como teatros, cinemas, shows e um dia paramos, nos isolamos, nos curamos e fizemos tudo novamente.

Que possamos parafrasear (Pozzuoli, 1698) Júlio César em 47 a.C.: Veni, vidi, vici.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu: fantasia?. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.

ANDRADE, Rodrigo de Melo Franco de. *Rodrigo e o SPHAN*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Fundação Nacional Pró-Cultura, 1997.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Em Questão*, Porto Alegre, v.12, n. 1, p.11-32, jan./jun. 2006.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos históricos – arquivos pessoais*. 1998. v. 11, n. 21, p. 9-34.

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 325 p.

BENJAMIN, Walter. *Desempacotando minha biblioteca*. In: *Obras escolhidas*. v. 2. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 227-235.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* / Jacques Derrida; tradução, Cláudia de Moraes Rego. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (Conexões).

DOMINGUES, Evandro Luis Von Sydow. *A ventura pós-moderna*. In: *SEMEAR: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Camões / PUC-Rio, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio Século XXI; O Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLORIANI et al. Pós-Modernidade, Crise Cultural e Emergências Cognitivas. Encontro Nacional da ANPPAS. Florianópolis, 2010.

HUYSEN, Andréas. Escapando da amnésia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 257 p.

LÉVY, Pierre. O Que é Virtual?. Rio de Janeiro: Editora 34. 1996.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. Matraga: Rio de Janeiro. v. 21, p. 13-23, 2007.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). A trama do arquivo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, v.10, p.7-28, dez. 1998.

OTLET, Paul. Congresso Mundial da Documentação Universal. Paris, 1937.

POZZUOLI. Lettere memorabili, istoriche, politiche, ed erudite raccolte da Antonio Bulifon.[s.l.: s.n.] 1698, 177p.

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese. Goiânia: Ed. Da UCG, 2006.

SANTOS, Silvana S. Acervos privados. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). A trama do arquivo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995, p.105-110.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). Arquivos literários. São Paulo: Ateliê, 2003.

SILVA, Zélia Lopes da (Org.). Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, FAPESP, 1999.

SPNELLI JÚNIOR, Jayme. Patrimônio cultural: preservação, salvaguarda e conservação de bens culturais. Revista BBM. São Paulo n. 2 pp. 108-119 jan./jun. 2020.

WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimentos. São Paulo: Summus Editorial, 1993. 174p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Acervo de escritores mineiros. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/aem/index.html>>. Acesso em: 10/12/2013.

